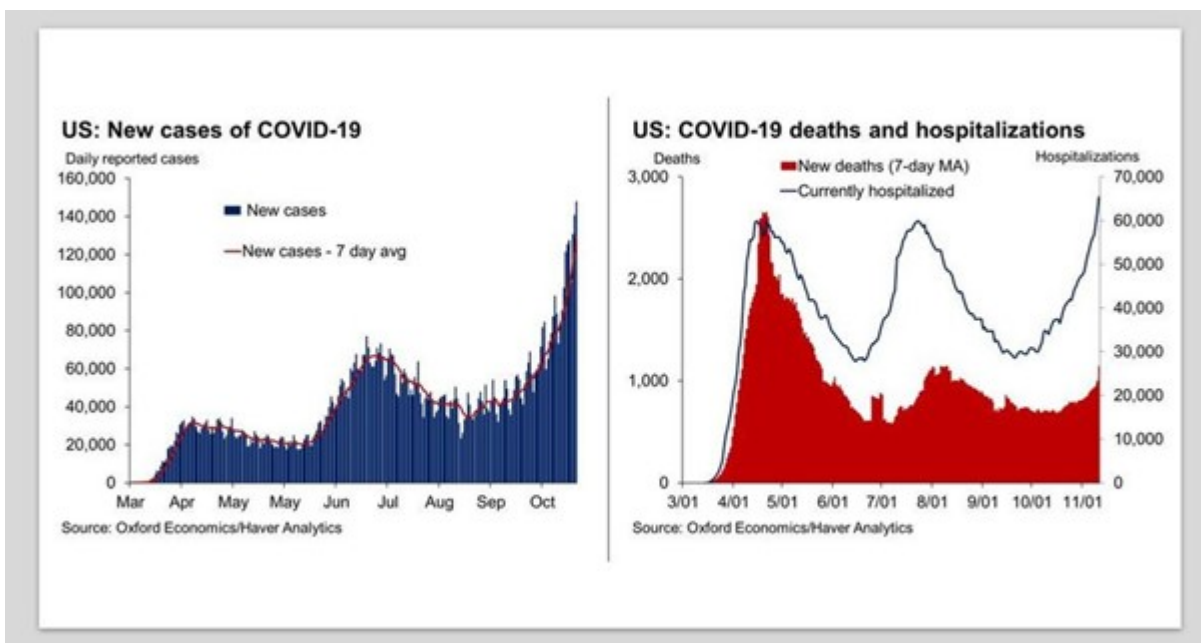


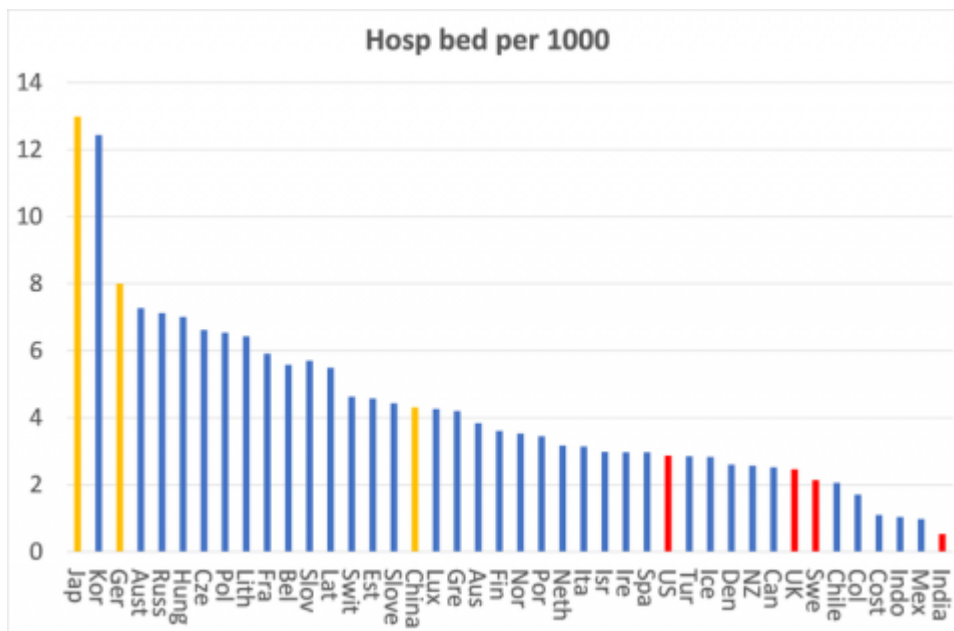
# Covid 2021: mais calamidade adiante?

A notícia de que uma vacina para a COVID-19 poderia se tornar disponível no início de 2021 fez com que os mercados de valores mundiais subissem a novos níveis recordes. No entanto, a recuperação foi rapidamente amenizada pelo rápido aumento das infecções da COVID-19 enquanto o Hemisfério Norte entra em seu inverno. O aumento dos casos é mais acentuado nos EUA e na maior parte da Europa. A taxa de mortalidade por essas novas infecções pode ser menor do que na primeira vaga de março a abril, mas as hospitalizações estão atingindo novos picos nos EUA e em partes da Europa.



Isto é grave para a saúde, pois a capacidade hospitalar já era baixa em muitos países depois de privatizações, de cortes nos gastos do setor público e da terceirização dos serviços de saúde realizada pelos governos capitalistas mais avançados durante os últimos 30 anos antes da pandemia. A Índia está no final da lista de leitos hospitalares por 1.000 pessoas, o que não é surpreendente, mas tenha em mente que, entre as “economias desenvolvidas”, Suécia, Reino Unido, Canadá, Nova Zelândia e Dinamarca também estão em baixa posição nesta

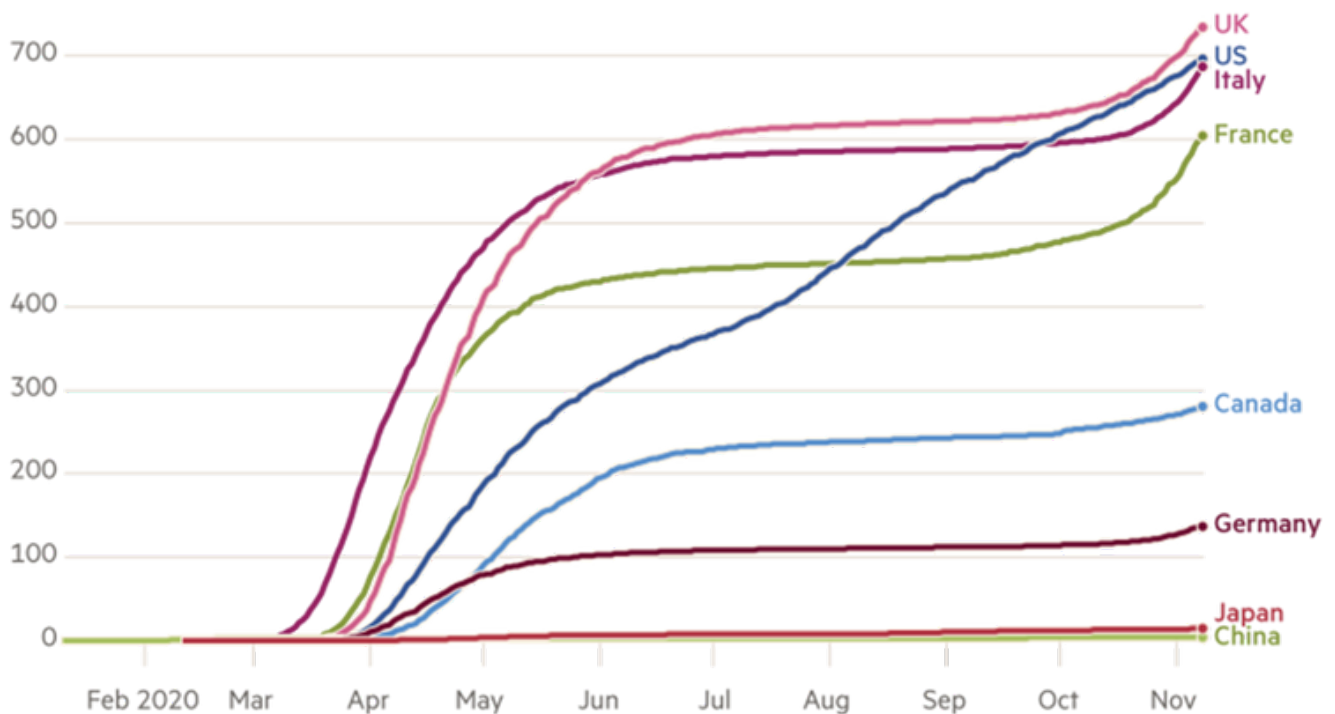
lista, enquanto que os EUA não está em situação muito melhor.



Isso explica porque esses países tiveram que recorrer a longos e severos “lockdowns” na primeira onda para lidar com isso. A Nova Zelândia e a Dinamarca fizeram isso com relativo sucesso, mas os EUA, o Reino Unido e a Suécia não o fizeram na primeira onda, com um relativo fracasso em manter as mortes baixas. Os países com taxas de mortalidade relativamente baixas da primeira onda da COVID também foram aqueles com bastante capacidade de leitos hospitalares – Japão, Coréia e Alemanha.

## The US has among the highest mortality rates from Covid-19

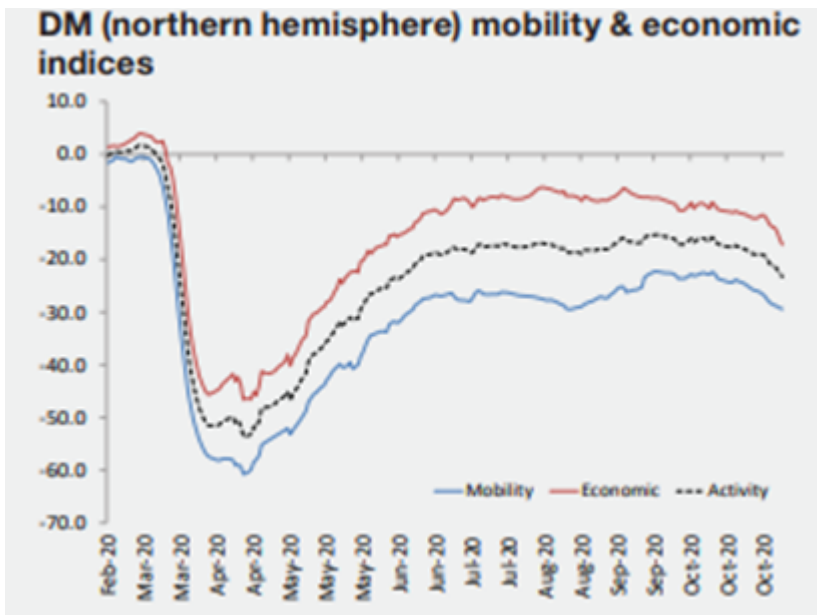
Cumulative Covid-19 deaths per million population



Sources: FT analysis of data from the European Centre for Disease Prevention and Control, the Covid Tracking Project and the UK government coronavirus dashboard

@FT

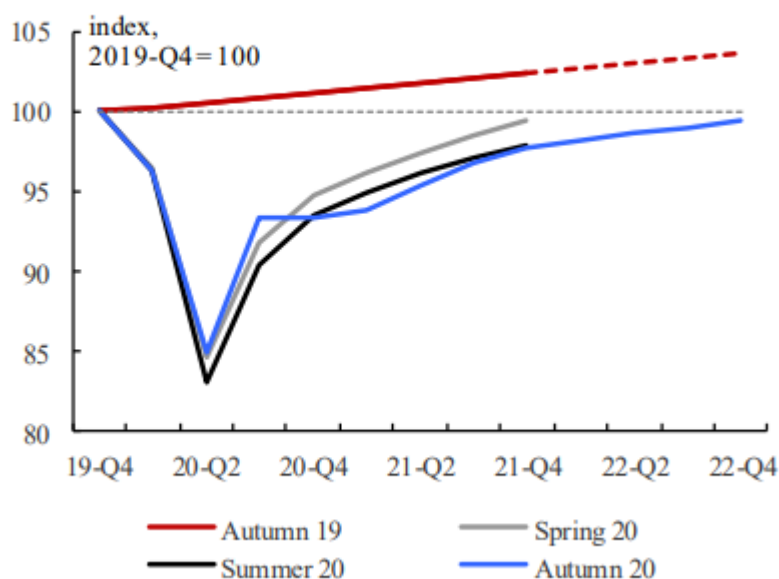
Nesta nova “onda de inverno”, os sistemas de saúde estão mais bem preparados e dotados de recursos, mas mesmo assim, o número de pacientes está aumentando rapidamente. E agora muitos funcionários hospitalares foram infectados e forçados a se auto-isolarem, reduzindo a capacidade dos sistemas de saúde de lidar com a onda de inverno da COVID-19. Isto está forçando muitos governos na Europa e estados nos EUA a retomar novos bloqueios de gravidade variável. Ao mesmo tempo, as pessoas estão votando com seus pés e milhões estão ficando em casa, não viajando ou fazendo compras e trabalhando on-line, não indo a cafés, restaurantes, etc. Esta combinação de lockdowns e auto-isolamento parou a recuperação nascente da atividade econômica que começou no verão. A atividade econômica, medida pela mobilidade e tendências de gastos, está recuando nas principais economias do Hemisfério Norte.



É provável que a Covid fique pior antes de melhorar. As taxas diárias de infecção, hospitalização e testes positivos apontam nesta direção. A taxa  $R_0$  (infecção) permanece bem acima de 1,5 globalmente e mais próxima de 2,0 nos EUA e Europa. As notícias da vacinação não fornecem nenhum paliativo para isto nos próximos seis meses.

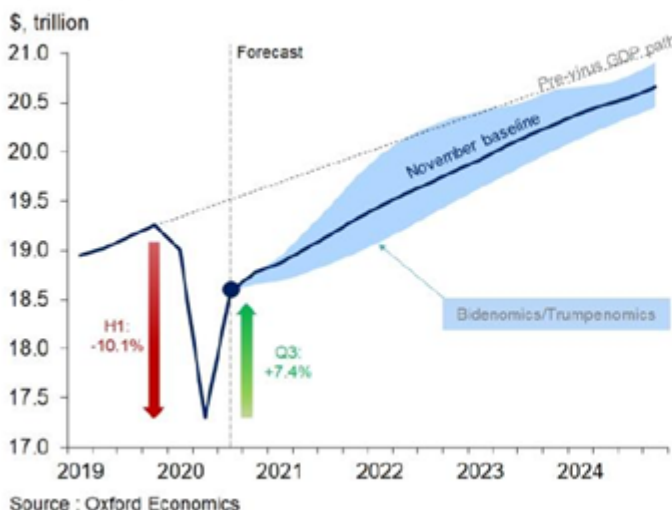
As esperanças de uma maior recuperação econômica no último trimestre deste ano e no próximo estão sendo frustradas. A Comissão Europeia reduziu sua previsão do PIB da Eurozona em 2021 para +4,2% de +6,1%. A Comissão cortou a previsão do PIB por causa da nova onda na COVID-19 e do retorno dos lockdowns. “É esperado que o avanço, a capacidade ociosa remanescente nos setores de capital intensivo, a menor rentabilidade e a elevada incerteza pesem sobre as intenções de investimento”. A Comissão prossegue: “O baixo impulso de crescimento esperado implica um nível de produção anual em 2022 ligeiramente inferior ao de 2019 tanto para a área do euro quanto para a UE e, portanto, bem abaixo da tendência de crescimento pré-pandêmica, como a que deriva da previsão do outono de 2019”. Portanto, nenhuma recuperação em forma de V para a Europa à medida que a onda pandêmica se eleva.

**Graph 1.1.28: Projected profile of euro area GDP, autumn forecast and previous forecasts**



É uma mensagem semelhante para os EUA. A Oxford Economics considera que a “recuperação” é um platô e mesmo com uma vacina, não há perspectiva de que a economia dos EUA volte ao seu caminho de PIB pré-vírus (fraco como era) para o futuro previsível!

**US: Real GDP**

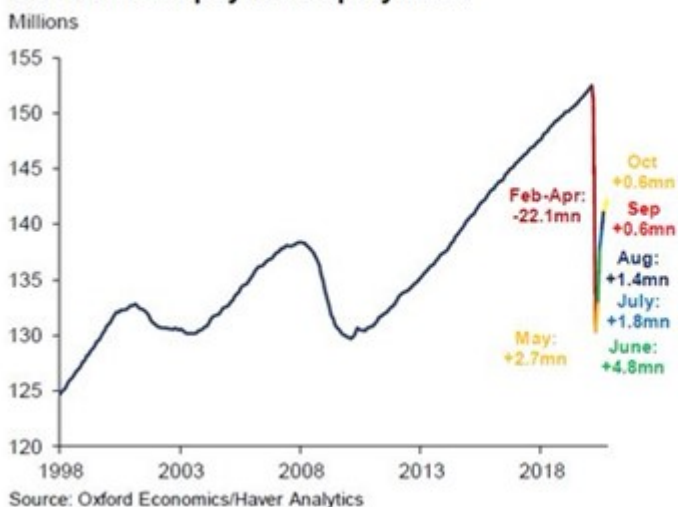


Given a worsening health situation and increased evidence of the recovery plateauing, we envisage slower economic growth heading into 2021. Since we don't foresee any major fiscal initiative following the election, our November baseline foresees real GDP averaging 3.6% in 2021.

E isso mesmo levando em conta quaisquer medidas políticas futuras da nova administração Biden para “estimular” a economia através de mais gastos governamentais. Como está, mesmo o pacote paliativo de gastos de emergência que está sendo disputado entre o Senado Republicano e a Casa Democrata parece estar paralisado até 2021.

A “recuperação” paralisada, tal como estava, vai deixar cicatrizes permanentes no “mercado de trabalho” (ou seja, no sustento das pessoas). Os últimos números de empregos dos EUA para outubro sugerem que o retorno ao trabalho para milhões de pessoas começou a desvanecer-se. Em abril passado, 22 milhões de americanos haviam perdido seus empregos ou haviam sido demitidos. Até agora, menos da metade deles retornaram a esses empregos.

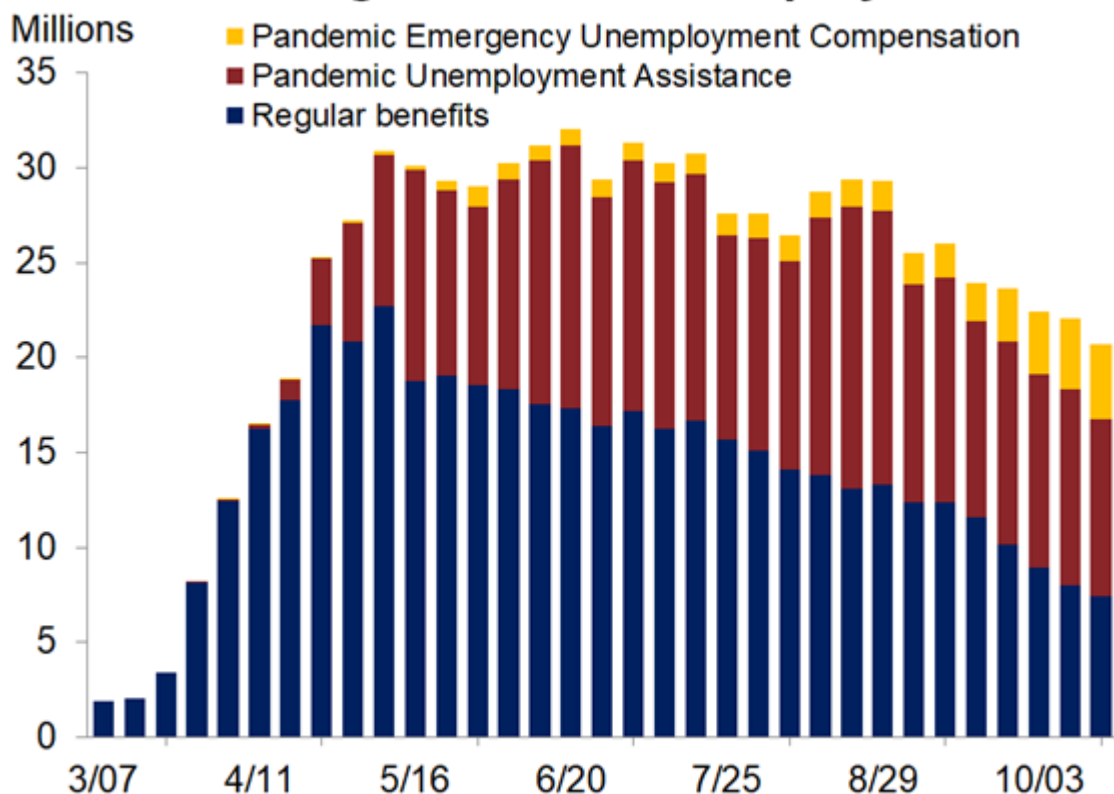
### US: Nonfarm payroll employment



We expect nonfarm payrolls to rise 604,000 in October following a similar 661,000 gain in September. Our forecast would leave the level of employment 6.7% below its pre-recession level.

O restante permanece em benefício de desemprego e/ou assistência emergencial.

## US: Continuing claims for unemployment



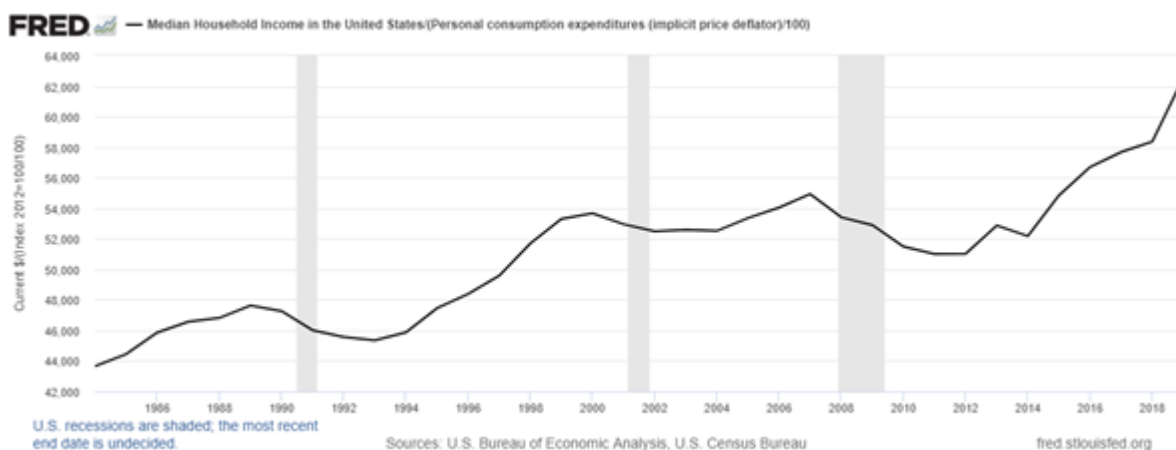
Source : Oxford Economics/Haver Analytics

O número de desempregados realmente subestima o problema, já que milhões de indivíduos deixaram a força de trabalho. Muitos se juntarão novamente durante o verão, mas o total da força de trabalho potencial ainda é mais de quatro milhões de trabalhadores menos do que antes da crise, e contraiu-se em setembro, uma situação preocupante em seu momento.

O número de indivíduos que dizem estar em demissão permanente também cresceu consideravelmente, de 1,5 milhões em março para 3,8 milhões em setembro. Este aumento no número de demissões permanentes é excepcionalmente rápido. Nos primeiros seis meses da Grande Recessão, o número de demissões permanentes cresceu apenas meio milhão. Além disso, as pesquisas sugerem que as pessoas superestimam a probabilidade de reemprego e cada mês que estão desempregadas reduz as chances de que suas demissões sejam na verdade "temporárias". Com o passar do tempo, as melhorias no mercado de trabalho se tornarão mais difíceis.



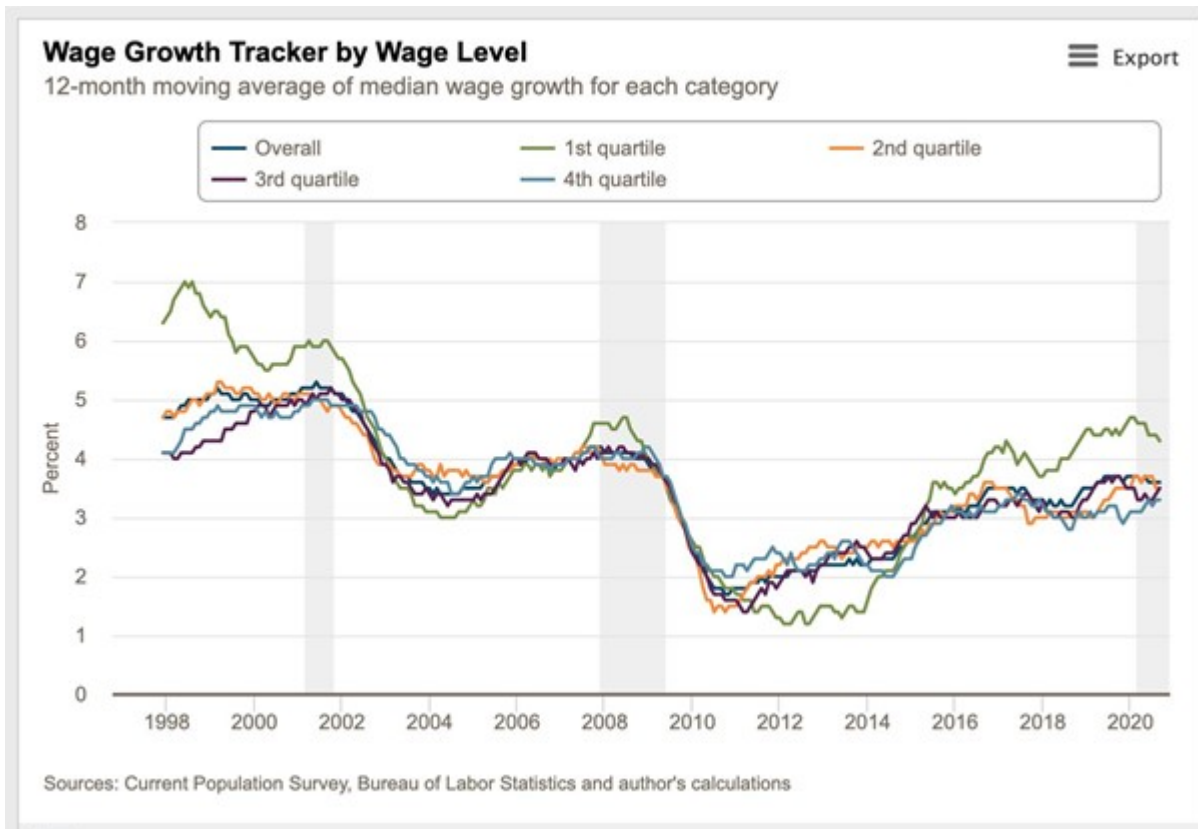
Um fator que tem mantido alguma flutuação enquanto foi demitido tem sido o aumento relativo da renda real das famílias nos dois anos anteriores ao impacto da pandemia em 2020. De acordo com o Escritório do Censo dos EUA, a renda real média das famílias americanas aumentou 6,8% entre 2018 e 2019. Este aumento pode ser contestado por ser baseado em pesquisas inadequadas. Além disso, o aumento significou apenas que as famílias recuperaram seu padrão de vida após as profundas perdas após a Grande Recessão de dez anos atrás. Em 2019, a taxa de desemprego estava em um nível recorde, enquanto a inflação também havia caído para níveis quase historicamente baixos. Como resultado, os lares tinham dois ou até três trabalhadores, talvez com baixos salários, mas combinados, isso melhorou os níveis de renda das famílias.



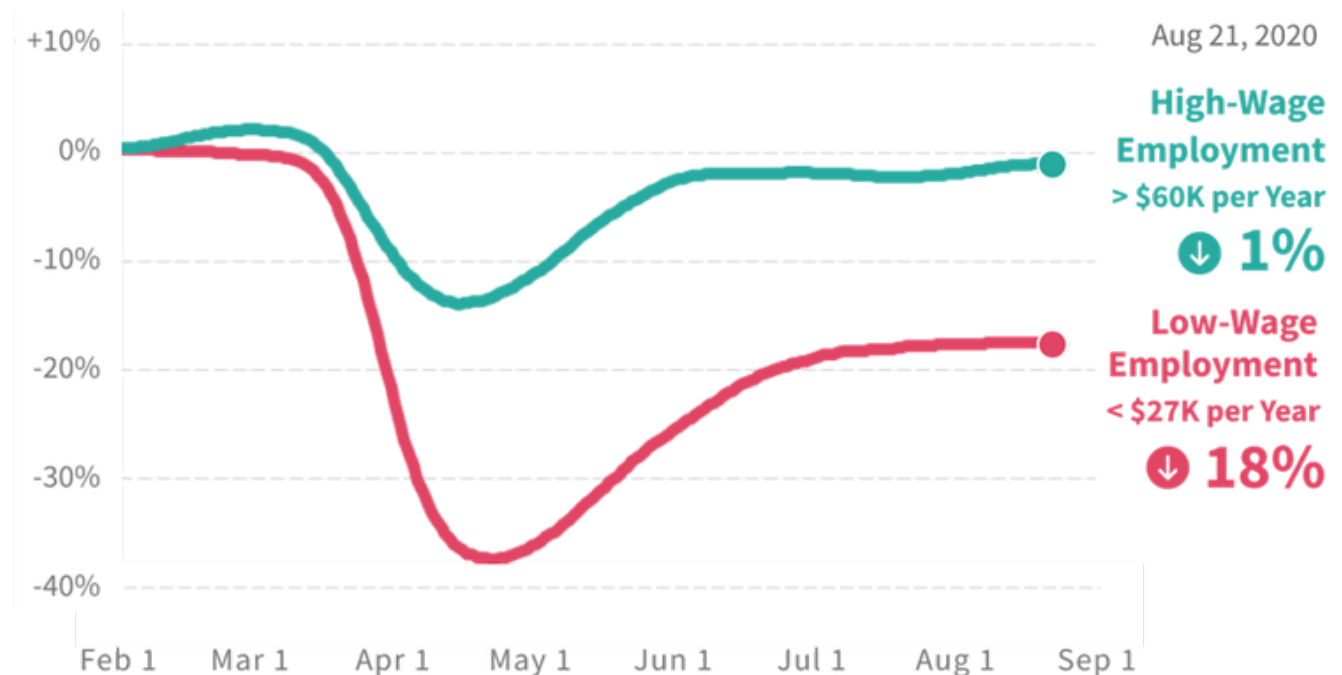
Houve também um aumento nos níveis salariais a partir dos baixos pós-Precessão, e nos dois anos anteriores à pandemia de 2020, que mais beneficiou o quarto mais mal pago – embora com aumentos salariais ainda muito abaixo do período anterior à



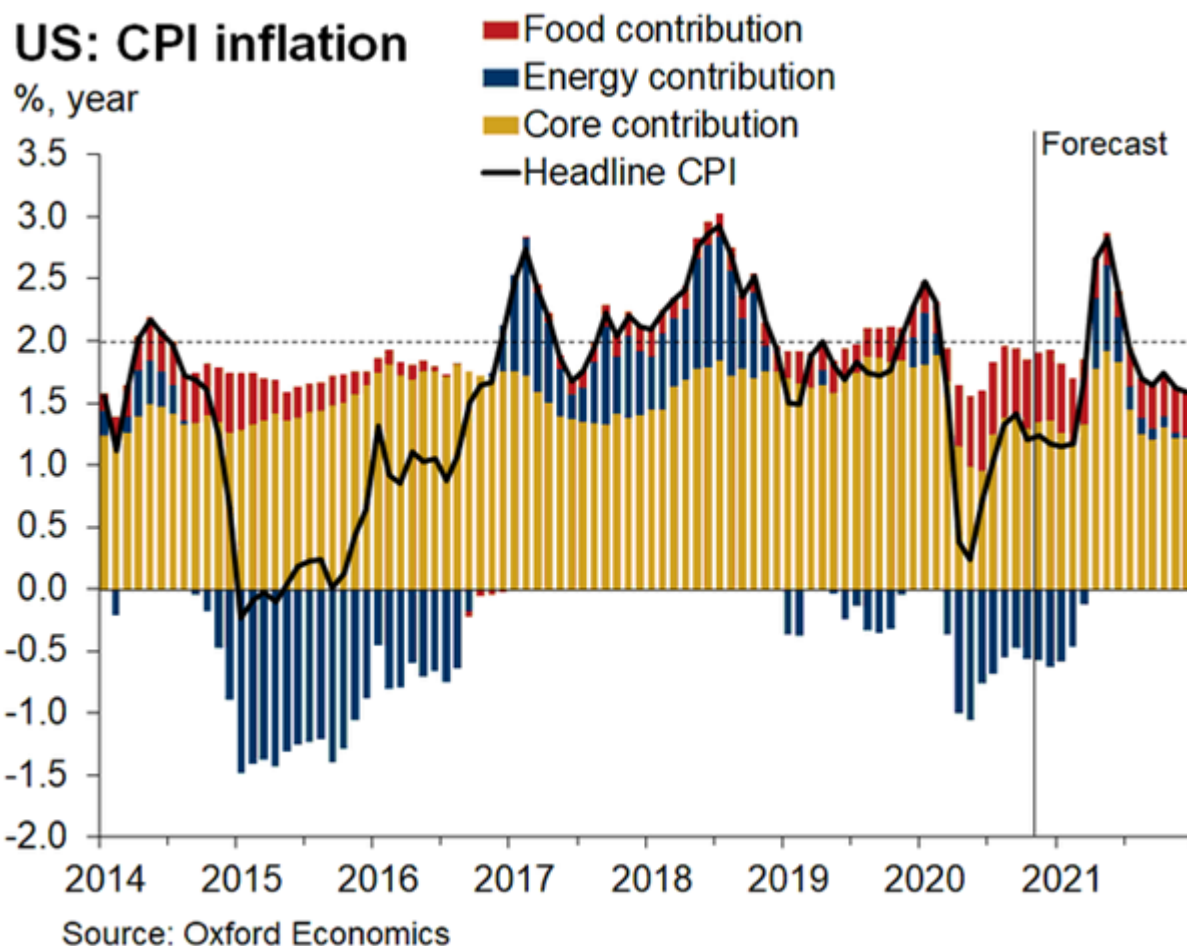
## Grande Recessão.



Mas a pandemia pôs fim a essa relativa recuperação dos rendimentos reais, especialmente para os mais mal pagos. É o emprego com baixos salários nos principais serviços e indústrias que está sofrendo o maior impacto, pois os trabalhadores técnicos e profissionais mais bem pagos podem trabalhar em casa e sofreram menos perdas de emprego.



Com o lado da oferta das economias em queda no inverno e em 2021; a demanda por bens essenciais básicos ainda forte; e alguma “demanda efetiva” ainda lá, à medida que algumas pessoas diminuem as economias e outras continuam a trabalhar, há também todas as perspectivas de que os baixíssimos níveis de inflação de 2020 irão aparecer em 2021. Por exemplo, a Oxford Economics prevê um pico na inflação anual dos EUA para 3% à medida que os preços dos alimentos e das commodities subirem, pois a oferta ficará defasada em relação à demanda e o crescimento do comércio internacional será fraco. Mesmo a “inflação básica” (excluindo alimentos e energia) poderá saltar para 2% em 2021. Isto corresponde a uma previsão provisória recente feita neste blog (The Next Recession), usando um modelo marxista de inflação.



Assim, em 2021, o crescimento dos salários será mais lento, o desemprego permanecerá elevado e a inflação aumentará. É um golpe triplo para o padrão de vida da família americana média e essa história também se aplica à Europa.

Mas e quanto aos bilhões que vivem nas chamadas “economias em desenvolvimento” do chamado Sul Global? Muitos desses países foram ainda mais atingidos pela pandemia da COVID-19. Os países da América Latina lideram as taxas de mortalidade na COVID (Peru, Bolívia, Equador, Brasil, Argentina, México), porque seus sistemas de saúde, principalmente privatizados, não conseguem lidar com a situação e porque milhões de pessoas em trabalho ocasional foram forçadas a ir trabalhar, se puderem, para sobreviver. Somente uma população relativamente mais jovem e mais dispersa geograficamente (como na Índia, África do Sul, etc.) tem mantido as taxas de mortalidade baixas.

Mas não tem havido fuga econômica. As economias do Sul Global foram prejudicadas pela pandemia da COVID à medida que o comércio internacional se fechou (-10%) e a atividade econômica doméstica entrou em colapso. Pela primeira vez em registros, as chamadas economias emergentes juntas sofrerão uma contração no PIB real, e essa média inclui a China gigante onde o sucesso em lidar com a COVID significou que a China é um dos poucos países que crescerá em 2020 (se apenas em cerca de 1,5%). Entre as economias capitalistas emergentes supostamente dinâmicas como a Índia (-10%), Brasil (-6%), México (-9%), África do Sul (-9%), estão as mais afetadas.

Inevitavelmente isto está levando à inadimplência de vários governos nacionais em relação às dívidas para com credores do setor privado (bancos, fundos hedge etc.). E isto apesar das reivindicações do FMI e do Banco Mundial de que ele salvará tais países do fardo do serviço de sua dívida na pandemia. Somente esta semana, espera-se que a Zâmbia não cumpra seus pagamentos, juntando-se assim a uma longa lista de inadimplentes do passado nas “economias emergentes”. Como já expliquei anteriormente, é um desastre da dívida, não mais esperando para acontecer, mas já aqui.

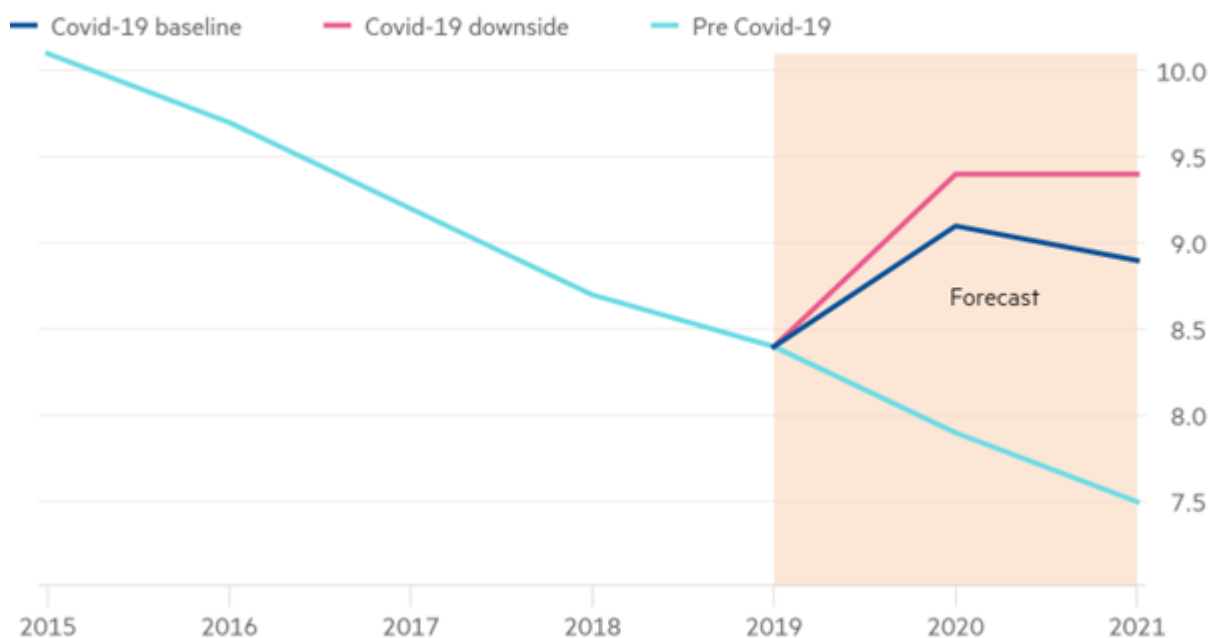
Os detentores de títulos do setor privado estão exigindo seus pagamentos e há pouca ajuda por parte das agências

internacionais. A nova economista-chefe do Banco Mundial Carmen Reinhart alertou que o Sul Global enfrenta “uma onda sem precedentes de crises e reestruturações da dívida”. Reinhart disse: “em termos de cobertura, dos quais os países serão engolidos, estamos em níveis não vistos nem mesmo na década de 1930”. “É impensável que em uma pandemia global, os países mais pobres do mundo estejam tendo que escolher entre fazer o pagamento do serviço da dívida e manter suas economias em pé”, disse Gayle Smith, presidente da Campanha Um contra a pobreza. É impensável, mas está acontecendo”.

Como expliquei em um post anterior, este desastre vai reverter o pouco progresso feito na redução da pobreza mundial, onde quase 4 bilhões de pessoas vivem com menos de 5 dólares por dia (um limiar mais realista para a pobreza do que o do Banco Mundial).

### The pandemic will reverse progress in reducing world poverty

Share of world population living on up to \$1.90 a day, %



Source: World Bank  
© FT

E agora temos o relatório chocante que acaba de ser publicado pela UNICEF. A UNICEF calcula que aproximadamente 150 milhões de crianças a mais estão vivendo na pobreza multidimensional – sem acesso a estes serviços essenciais – devido à pandemia da

COVID-19, Cerca de 45% das crianças foram severamente privadas de pelo menos uma destas necessidades críticas antes mesmo que a pandemia do coronavírus fosse declarada. UNICEF: “a situação das crianças que vivem na pobreza multidimensional provavelmente piorará, a menos que os governos nacionais e a comunidade internacional dêem um passo para suavizar o golpe”. 188 países impuseram o fechamento de escolas em todo o país durante a pandemia, afetando mais de 1,6 bilhões de crianças e jovens.

Pelo menos um terço das crianças em idade escolar do mundo – 463 milhões de crianças em todo o mundo – não tiveram acesso ao aprendizado remoto quando a COVID-19 fechou suas escolas. As crianças em idade escolar nos países mais pobres já perderam quase quatro meses de escolaridade desde o início da pandemia, em comparação com seis semanas em países de alta renda. “Mesmo pequenas interrupções na escolaridade das crianças podem ter impactos negativos duradouros devido a fatores que incluem a falta de programas estruturados para recuperar o atraso”. No passado, o fechamento de escolas levou a um aumento no casamento infantil e no trabalho infantil, o que muitas vezes impede que as crianças continuem sua educação”.

De acordo com um estudo que abrange 118 países de baixa e média renda da Escola Bloomberg de Saúde Pública Johns Hopkins, mais 1,2 milhões de mortes de menores de cinco anos poderiam ocorrer em apenas seis meses devido a reduções nos níveis de cobertura dos serviços de saúde de rotina e um aumento no desperdício de crianças. Até 132 milhões de pessoas podem passar fome em 2020, dos quais 36 milhões são crianças. E 370 milhões de crianças podem perder as refeições escolares nutritivas. O pesadelo do capitalismo global que bilhões de pessoas já sofrem nos “países em desenvolvimento” será intensificado nos próximos anos.

Mas espere, e quanto à vacina – não está chegando como um cavaleiro branco para salvar o mundo, ou como uma bala de

prata para matar a doença dos morcegos “vampiros”? A história está repleta de vacinas que uma vez introduzidas tiveram que ser retiradas porque falharam – e, na maioria das vezes, causaram danos. É mais provável que as vacinas falhem se forem desenvolvidas sob grande pressão do governo e da população, com testes e aprovações sendo aceleradas em nome da conveniência. No desenvolvimento das vacinas Covid-19, é digno de nota que grande parte dos testes está sendo feita em países pobres onde “a vida é barata”. Além disso, grande parte da ciência original foi feita por institutos com financiamento público, mas são os governos que pagarão milhões em preços exorbitantes sendo cobrados por grandes farmacêuticas pelas vacinas.

A intenção de qualquer vacinação é conseguir a “imunidade do rebanho”. Isto exige que a taxa de infecção  $R_0$  caia abaixo de 1,0 e que a pandemia se desvaneça. A um palpite, a imunidade do rebanho pode ser atingida em 50% da população (embora alguns digam 70%). Para alcançar a imunidade do rebanho para cerca de um bilhão de pessoas nos países ricos, portanto, seriam necessárias 1,2 bilhões de inoculações se duas doses por pessoa forem necessárias, ou 600 milhões de doses se apenas uma for necessária. Isto pressupõe uma taxa de eficácia de 80-90% para a vacina. Uma taxa de eficiência próxima a 50% precisaria do dobro da quantidade de pessoas a serem inoculadas e muito mais vacinas.

Estender a cobertura aos países de renda média e pobres multiplicaria as doses necessárias entre três a seis bilhões. Teoricamente, com base em cinco a seis vacinas bem sucedidas sendo desenvolvidas até meados de 2021, a imunidade do rebanho nos países ricos e na maioria dos países de renda média poderia ser alcançada com a produção de um bilhão de doses de cada vacina por ano. Isto pode ser possível dentro de 12-18 meses, de acordo com declarações das empresas farmacêuticas envolvidas. Todas as vacinas ‘front runner’ serão reveladas ou desmentidas até junho de 2021. Se for bem sucedida, o aumento

da produção para dizer que um bilhão de unidades por vacina pode levar mais 6-12 meses.

Um desafio significativo na mudança da escala de laboratório para a escala de produção em massa é preservar a pureza e a eficácia do produto. A distribuição também é um grande problema. Algumas dessas vacinas precisam de congelamento profundo, distribuição e transporte a longo prazo. O produto Pfizer-BioNtech – por exemplo, precisa ser mantido a temperaturas muito baixas antes do uso (tão baixas quanto – 70°C).

Depois, há a vontade dos indivíduos de tomar as vacinas. Aparentemente, 30-50% das pessoas nos EUA e na Europa dizem que não o tomarão. Até 30% das enfermeiras americanas indicaram que não tomariam uma vacina! Há também a questão da eficácia de cada vacina. É mais fácil atingir a imunidade do rebanho com uma taxa de eficácia de 80%-90% do que com 50%. E, é claro, há também a questão de quanto tempo ela é eficaz. As indicações atuais para a maioria das vacinas de primeira linha em desenvolvimento são de que elas devem durar de um a dois anos.

E aqui está o grande problema. A COVID-19 surgiu, como outros novos patógenos para os quais os seres humanos não tinham imunidade contra sua transferência de animais selvagens em partes remotas do mundo para animais sendo “criados industrialmente” e mercados de alimentos para humanos. Ainda existem muitos outros patógenos por aí, sem que nada esteja sendo feito para parar o mecanismo de transferência porque nada está sendo feito para conter ou parar a exploração de combustíveis fósseis, a exploração madeireira, o desmatamento para plantações e pecuária, tudo na busca de mais lucro para as indústrias de agro e energia.

Além disso, tão preocupante é que parece que estes vírus podem sofrer mutações como os humanos infectam os animais em um ciclo vicioso, levando a mais infecções em humanos contra as

quais as vacinas atuais não podem ser eficazes. O exemplo chocante da indústria dinamarquesa de visons confirma este grave risco. Parece que os visons enjaulados (mantidos em gaiolas minúsculas para serem mortos para o comércio internacional de peles) pegaram a COVID-19 que depois se transformou em uma variante do vírus, infectando os trabalhadores de fazendas de peles. O governo foi forçado, apesar da grande oposição dos criadores de peles, a abater mais de 15 milhões dos animais, devido ao medo de que uma mutação da COVID-19 que se deslocasse dos visons para os humanos pudesse colocar em risco futuras vacinas.

Assim, quando caminhamos para 2021, a taxa de infecção pandêmica não mostra sinais de parada ou mesmo de desaceleração. Os hospitais do hemisfério norte estão sob pressão e a atividade econômica está caindo para trás. Os níveis de emprego ainda estão em queda e a renda real está prevista para cair, especialmente para os mais mal pagos à medida que os empregos desaparecem e a inflação aumenta. Para os bilhões no “Sul Global”, o espectro da pobreza, da doença e da exploração será realizado. A cicatriz é a longo prazo.

O que pode ser feito? Alguns apelaram para uma “economia de guerra” onde o Estado substitui o setor capitalista e dirige e controla os recursos nacionais e globais para pessoas sem fins lucrativos. Eu prefiro o termo “economia social”.

Isto significaria: 1) ação emergencial para prover fundos para milhões de norte e sul que perderam seus meios de subsistência; e cancelamento imediato das dívidas “devidas” pelos governos do sul pobre; 2) planos nacionais e internacionais através de projetos estatais para empregar pessoas, restaurar sistemas adequados de saúde e educação gratuitos no ponto de uso e investir na indústria, particularmente na indústria “verde”; 3) levar as principais instituições financeiras à propriedade e controle públicos, juntamente com grandes empresas farmacêuticas e outras empresas estratégicas em energia, alimentos, manufatura e



comunicações e 4) a longo prazo, iniciar planos estatais coordenados internacionalmente para atender às necessidades sociais e resultados ambientalmente harmoniosos (ou seja, parar o desmatamento e a exploração de combustíveis fósseis, etc.) em vez de expansão para lucros privados que resultarão em ainda mais desastres.